

Migração, Instrução e Emprego na Cidade do Rio de Janeiro: Espacialização das desigualdades segundo Áreas de Ponderação (APs).*

Camila da Silva Vieira¹
Olga Maria Schild Becker²

Resumo

O presente trabalho está inserido na linha de pesquisa “Desigualdade, Migração e Pobreza na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ)”, em desenvolvimento pelo Grupo de Estudos Espaço e População (GEPOP) do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/ Brasil).

Considerando-se a diversidade de questões passíveis de serem exploradas dentro da temática citada, optou-se neste projeto, pelo estudo das desigualdades sócio-espaciais intra-urbanas da metrópole do Rio de Janeiro, analisadas a partir das variáveis “condição migratória, de emprego e instrução” da sua população.

Este estudo tem por objetivo maior caracterizar o espaço social da cidade do Rio de Janeiro, no que diz respeito às populações não-migrante e migrante (esta considerada conforme as categorias de migrante total e migrante recente), na medida em que estes grupos são analisados em relação ao espaço por eles ocupado, dotado de grande desigualdade. Essa desigualdade é considerada enquanto diferenciação sócio-espacial, sendo o espaço percebido a partir de uma visão social e não apenas como base material.

Em relação às categorias de análise utilizadas, considerou-se como migrante o indivíduo que realizou alguma etapa migratória intermunicipal ao longo da vida; já o não-migrante representa aquele indivíduo que sempre morou no município de residência atual; e como migrante recente foi considerado o indivíduo não-natural que reside no município de residência atual há 2 anos ou menos (1998).

A opção de restringir o recorte espacial à cidade do Rio de Janeiro foi devido a sua enorme complexidade e diferenciação sócio-espacial. Além disso, a escolha das Áreas de Ponderação (APs) – agrupamento de setores censitários do Censo Demográfico de 2000 – como unidade espacial de análise, deve-se especialmente a sua capacidade de melhor refletir as diferenciações intra-municipais que comumente são mascaradas em análises com escalas mais amplas. Isso porque essas desigualdades precisam ser mais aprofundadas quando se discutem realidades complexas como a metropolitana.

A pesquisa utilizou como dados brutos os micro-dados Censitários obtidos a partir do Banco Multidimensional de Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, órgão responsável pelo Censo Demográfico de 2000.

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ/Brasil e Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ.

² Professora Adjunta do Depto. De Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ/Brasil.

*Trabalho apresentado no XII Encuentro de Geógrafos de América Latina/Egal 2009/ Montevideo/Uruguay.

**Eixo Temático Desejado: Opção 1: Dinâmica Urbana (5); Opção 2: Mobilidade da População (8).

Migração, Instrução e Emprego na Cidade do Rio de Janeiro: **Espacialização das desigualdades segundo Áreas de Ponderação (APs).***

Camila da Silva Vieira¹
Olga Maria Schild Becker²

1. Introdução

O expressivo crescimento do urbano brasileiro nas últimas décadas foi reflexo principalmente da significativa capacidade de atração exercida pelos conjuntos metropolitanos. O universo metropolitano em 2000, representado por 26 regiões metropolitanas institucionalizadas, reunia mais de 64,5 milhões de pessoas, representando 38% do total da população brasileira (Davidovich, 2004). Apesar disso, o ritmo de crescimento das metrópoles brasileiras apresentou-se diferenciado na última década, cabendo uma referência às mudanças ocorridas no seu perfil funcional.

No caso da região metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), apesar da taxa de crescimento da metrópole ter sido apenas de 0,74% a.a, os migrantes em 2000 perfaziam 3.845.554 pessoas, indicando que aproximadamente 35% dos moradores metropolitanos eram não naturais do município de residência atual. Concomitante a esse crescimento vem ocorrendo uma série de mudanças nos padrões de diferenciação funcional e na complexidade da organização sócio-espacial intra-urbana.

Neste sentido, optou-se pelo estudo das desigualdades sócio-espaciais intra-urbanas da metrópole do Rio de Janeiro, analisadas a partir das variáveis: migração, instrução e condição de ocupação. A partir dos estudos envolvendo essas variáveis é possível identificar algumas desigualdades existentes no espaço e entre as categorias migratórias estudadas (migrantes e não migrantes; migrantes totais e migrantes recentes).

Sendo assim, serão apresentados os resultados iniciais da proposta em questão, onde as variáveis mais expressivas foram analisadas com o objetivo de responder preliminarmente às questões centrais, incitando, contudo, novas perspectivas de análises.

A escolha da escala espacial de análise por Áreas de Ponderação (APs) – agrupamento de setores censitários mutuamente exclusivos do Censo Demográfico de 2000 - deve-se especialmente a sua capacidade de melhor refletir as diferenciações intra-municipais que comumente são mascaradas em análises mais amplas. Ressalta-se que o tamanho máximo de uma AP foi limitado a 50 setores. Da mesma forma, a opção de restringir o recorte espacial à cidade do Rio de Janeiro se deve a sua enorme complexidade sócio-espacial. Para a Metrópole do Rio de Janeiro foram computadas 170 APs.

Vale ressaltar que alguns bairros mais densamente ocupados foram divididos em várias APs, mas, na medida do possível, será levada em consideração a coincidência dos limites dos bairros com as APs, como forma de facilitar a localização das áreas que se pretende destacar.

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ/Brasil e Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ.

² Professora Adjunta do Depto. De Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ/Brasil.

*Trabalho apresentado no XII Encuentro de Geógrafos de América Latina/Egal 2009/ Montevidéo/Uruguay.

2. Questões Centrais

- Caracterizar o espaço social da cidade do Rio de Janeiro no que diz respeito às populações migrante e não-migrante, consideradas segundo os atributos de ocupação e instrução.
- Verificar se permanece o pressuposto da escola neoclássica em migração, segundo o qual, os migrantes tenderiam a se apresentar em piores condições sócio-econômicas que os não-migrantes, assim como o migrante recente em relação ao migrante total. Tal situação implicaria na necessidade de um período de adaptação na área de destino, durante o qual o migrante se qualificaria, possibilitando sua gradativa inclusão social.

3. Aspectos Metodológicos

- Conceitos-chave: 1) Mobilidade espacial da população; 2) Desigualdade (enquanto diferenciação sócio-espacial).

- Recorte Espacial: Município do Rio de Janeiro, considerando-se seu espaço organizado segundo áreas de ponderação (APs).

- Fonte de Dados: Micro-dados Censitários adquiridos a partir do Banco Multidimensional de Estatísticas (BME/IBGE), referentes ao Censo Demográfico de 2000.

- Categorias de Análise:

1) **Migrante** - indivíduo que realizou alguma etapa migratória intermunicipal ao longo da vida.

2) **Não-migrante** - indivíduo que sempre morou no município de residência atual (2000).

3) **Migrante recente** - indivíduo não-natural que reside no município de residência atual (2000) há 2 anos ou menos (1998).

- Variáveis Brutas: Condição de Migração, Tempo de residência no Município, Alfabetização, Níveis de Escolaridade, Condição de Ocupação, Condição de Atividade, Gênero e Idade.

- Técnicas: Foram utilizados os programas computacionais Microsoft Excel (para organização e cruzamento dos dados obtidos, bem como a construção de tabelas) e ArcGis 9.2 (para elaboração de mapas a partir das variáveis estudadas).

4. Operacionalização

A utilização dos dados obtidos será desenvolvida através de cruzamentos entre as variáveis estudadas, gerando resultados preliminares.

Para Migração:

- **Condição de Migração:** Pessoa nascida no município em que reside. É a variável básica para a caracterização do indivíduo migrante, sendo esse, o que responder à questão negativamente.
- **Tempo de Residência no Município:** Número de anos completos que a pessoa mora sem interrupção no município de residência atual, ou o número de anos de moradia após o último retorno para o município de residência atual desde que tenha migrado para outro município ou país estrangeiro e depois retornado, em classes de valores.

Para essa variável, são utilizadas, segundo o IBGE, as seguintes possibilidades: Sempre morou no Município, Menos de 1 ano, 1 ano, 2 anos, 3 anos, 4 anos, 5 anos, 6 anos, 7 anos, 8 anos, 9 anos, 10 anos, 11 à 14 anos, 15 à 20 anos, 21 à 30 anos, 31 anos ou mais (estabelecidas pelo IBGE).

Para Instrução:

- **Alfabetização:** Caracterizando a população em “sabe ler e escrever” e “não sabe”.
- **Idade em anos (classes):** Sendo utilizados os cortes 0 à 4 anos, 5 à 9 anos, 10 à 14 anos, 15 à 19 anos, 20 à 24 anos, 25 à 29 anos, 30 à 59 anos e 60 anos e mais.

A partir dessas duas variáveis, poderá ser calculada a Taxa de Analfabetismo, que consiste no quociente entre a população analfabeta e a população total de um mesmo grupo etário. Geralmente, calcula-se essa taxa para as pessoas com 10 anos ou mais de idade (mais utilizada pelo IBGE), mas existem outras possibilidades. Nos Censos Demográficos ao responder à pergunta “Sabe ler e escrever?” o indivíduo que responde “não” é considerado analfabeto.

A *Taxa de Analfabetismo* é calculada através da seguinte fórmula:

$$TA = (P_{ana} / P) \times 100,$$

Onde:

TA é a taxa de analfabetismo.

P_{ana} é a população analfabeta de um determinado grupo etário.

P é a população total nesse mesmo grupo etário.

- **Níveis de Escolaridade:** Sendo utilizados os cortes 1 a 3 anos, 4 a 7 anos, 8 a 10 anos, 11 a 14 anos e 15 anos ou mais.

Para Ocupação:

- **Condição de Ocupação:** Condição da pessoa na época do Censo, que pode ser respondida de duas maneiras: “Ocupado” e “Não ocupado” - consideradas a seguir:

Ocupado: Pessoa que, na semana de referência do Censo, exerceu trabalho remunerado, trabalho não remunerado, trabalho na produção para o próprio consumo.

Não ocupado: Pessoa que, na semana de referência do Censo, não exerceu trabalho remunerado, trabalho não remunerado, trabalho na produção para o próprio consumo.

- **Condição de Atividade:** Condição da pessoa na época do Censo, que pode ser respondida de duas maneiras: “Economicamente Ativo” e “Não economicamente ativo” – consideradas a seguir:

Economicamente ativo: Pessoa que, na semana de referência do Censo, exerceu trabalho remunerado, trabalho não remunerado, trabalho na produção para o próprio consumo ou tomou alguma providência para conseguir trabalho.

Não economicamente ativo: Pessoa que, na semana de referência do Censo, não exerceu trabalho remunerado, trabalho não remunerado, trabalho na produção para o próprio consumo e não tomou nenhuma providência para conseguir trabalho.

A partir dessas três variáveis será possível calcular, por exemplo, a *Taxa de Desemprego*, considerando desempregado aquele indivíduo ativo não regularmente ocupado, que está procurando trabalho. É a parcela da PEA (População Economicamente Ativa) prontamente disponível para ser engajada nas atividades produtivas, em caso de crescimento econômico. Assim, a taxa de desemprego corresponde à proporção do contingente de desempregados pelo total da PEA:

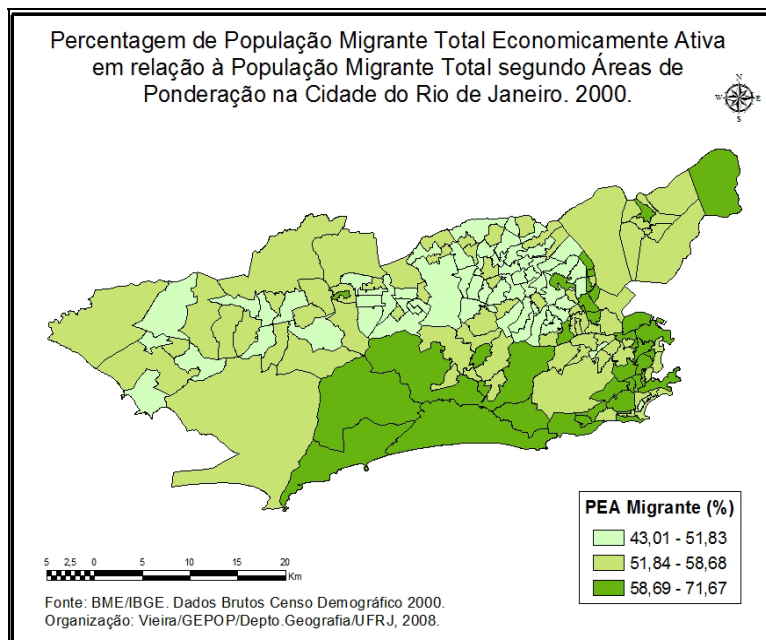
$$\text{Taxa de Desemprego} = (\text{Desempregados} / \text{Ocupados} + \text{Desempregados}) \times 100$$

Além das variáveis já expostas, foi utilizada a seguinte variável complementar:

- **Gênero:** Masculino ou Feminino.

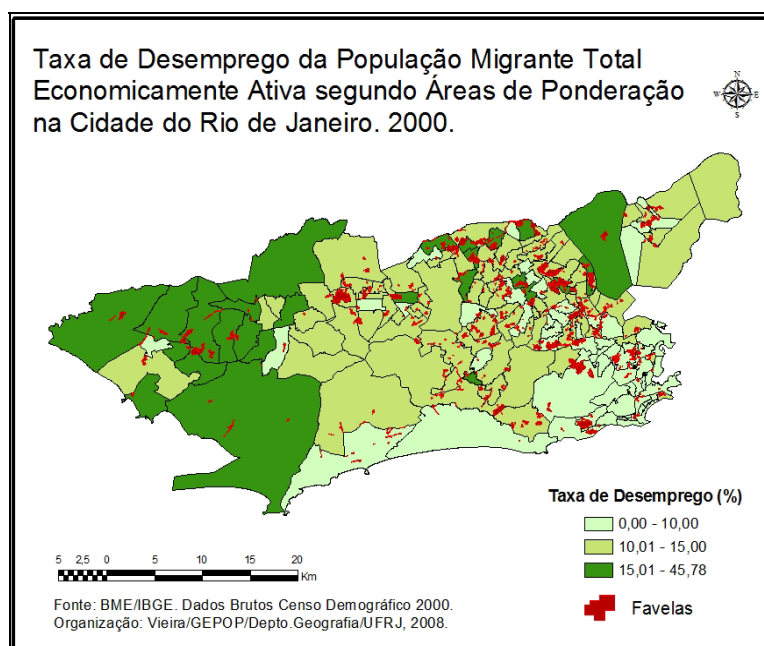
5. Resultados iniciais

Mapa 1



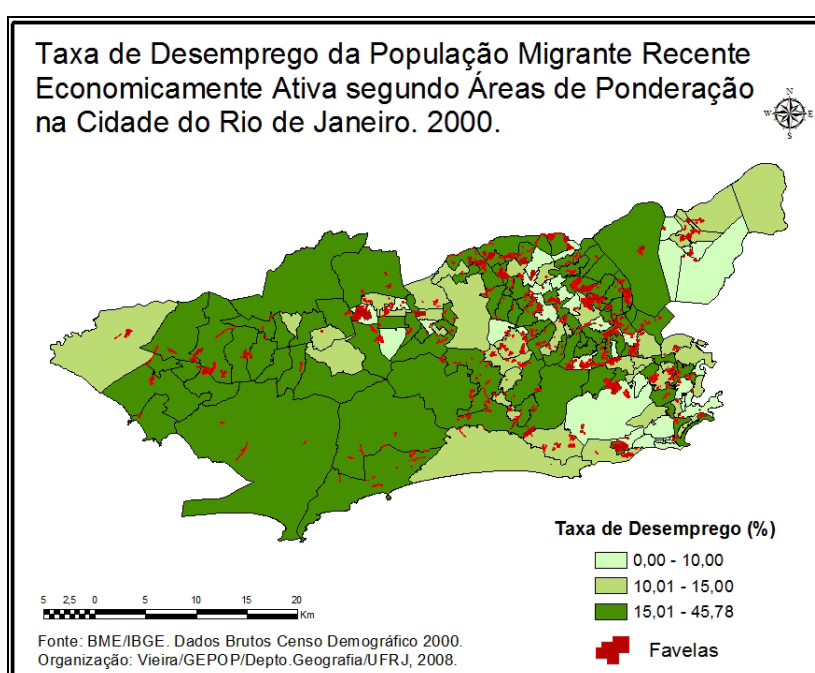
No Mapa 1 destaca-se a População Migrante Total Economicamente Ativa (PEA Migrante) concentrada nas Áreas de Ponderação referentes aos bairros da Zona Sul, Centro, além de Barra, Recreio dos Bandeirantes, Jacarepaguá, Vargem Grande, entre outros.

Mapa 2



Com relação à Taxa de Desemprego desse total de População Migrante (Mapa 2), percebe-se que a ocorrência é exatamente oposta à PEA Migrante; o desemprego se concentra nas áreas relativas à Zona Oeste (Guaratiba, Sepetiba, Santa Cruz, Paciência, Cosmos, Inhoaíba, Bangu, entre outras). Ou seja, nas áreas onde há mais população economicamente ativa, essa população encontra-se empregada, pois essas áreas apresentam baixa Taxa de Desemprego. Já nas áreas onde há menos população economicamente ativa, o desemprego é maior (Zona Oeste). Essa relação exemplifica a segregação que ocorre na cidade do Rio de Janeiro, onde a Zona Oeste é tida como região mais carente.

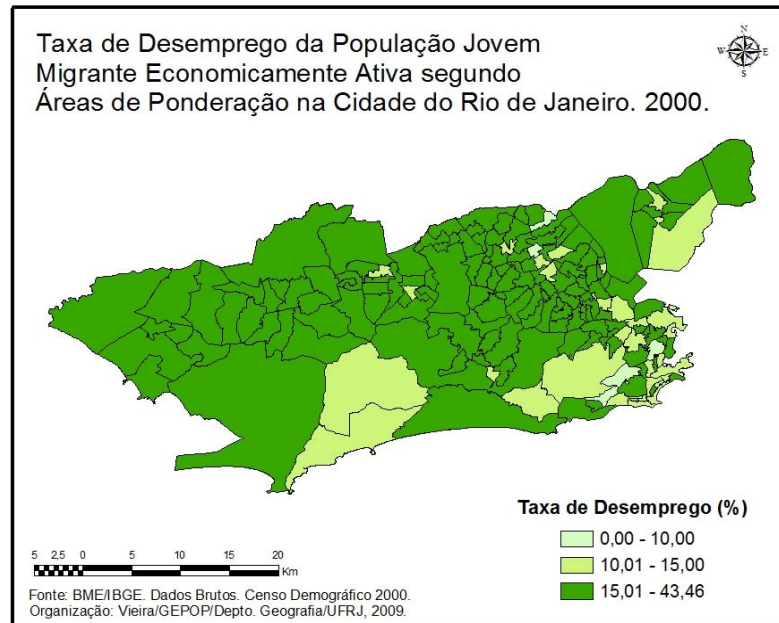
Mapa 3



Ao analisar a Taxa de Desemprego da População Migrante Recente (Mapa 3), vê-se que a classe com mais altas taxas (verde mais escuro) se ampliou no mapa em relação à População Migrante Total, espalhando-se por Anchieta, Pavuna, Irajá, Pilares e algumas manchas que podem ser relacionadas com a presença de favelas próximas à Zona Norte.

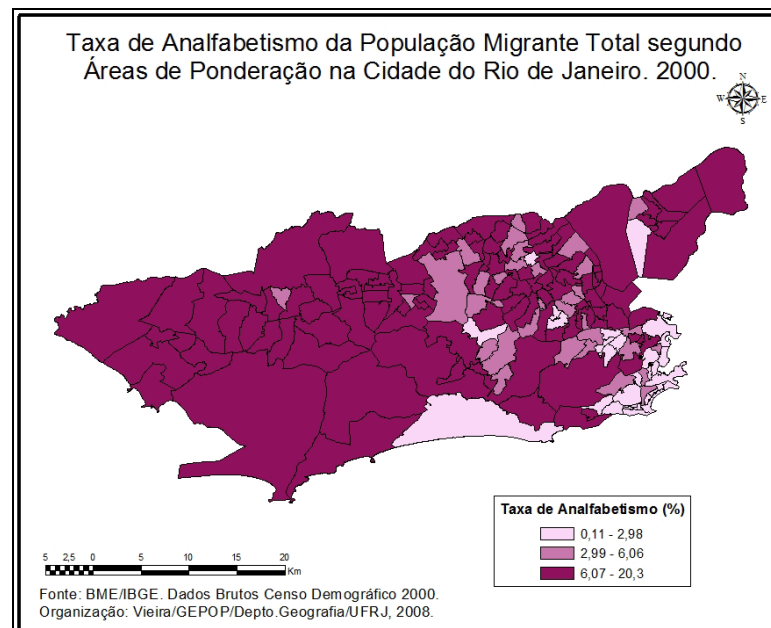
A partir dessas análises é possível ressaltar a situação de desvantagem da População Migrante Recente (que chegou ao Município há até 2 anos), apresentando-se mais desempregada. Sendo assim, pode-se dizer que esta população não conseguiu se inserir ainda de maneira plena na dinâmica da cidade do Rio de Janeiro. Por outro lado, pode-se considerar a População Migrante mais antiga como possuidora de um padrão de vida melhor, pois, por estar a mais tempo na cidade provavelmente já adquiriu certa estabilidade. (pressuposto da escola neoclássica em migração).

Mapa 4



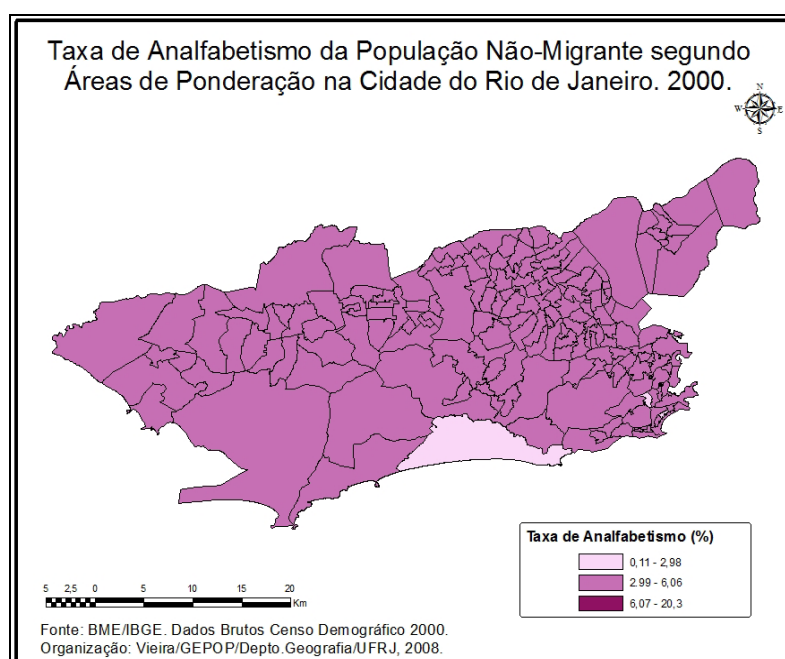
A ocorrência da Taxa de Desemprego aplicada agora à População Jovem Migrante revela-se ainda maior, formando uma mancha quase contínua na cidade do Rio de Janeiro (da classe mais alta), à exceção de algumas áreas da Zona Sul, Barra da Tijuca e Vargem Grande (Mapa 4). Assim, é possível inferir a condição de desvantagem do jovem, e mais ainda do jovem migrante, no processo de inserção no mercado de trabalho, ou seja, na busca pelo primeiro emprego.

Mapa 5



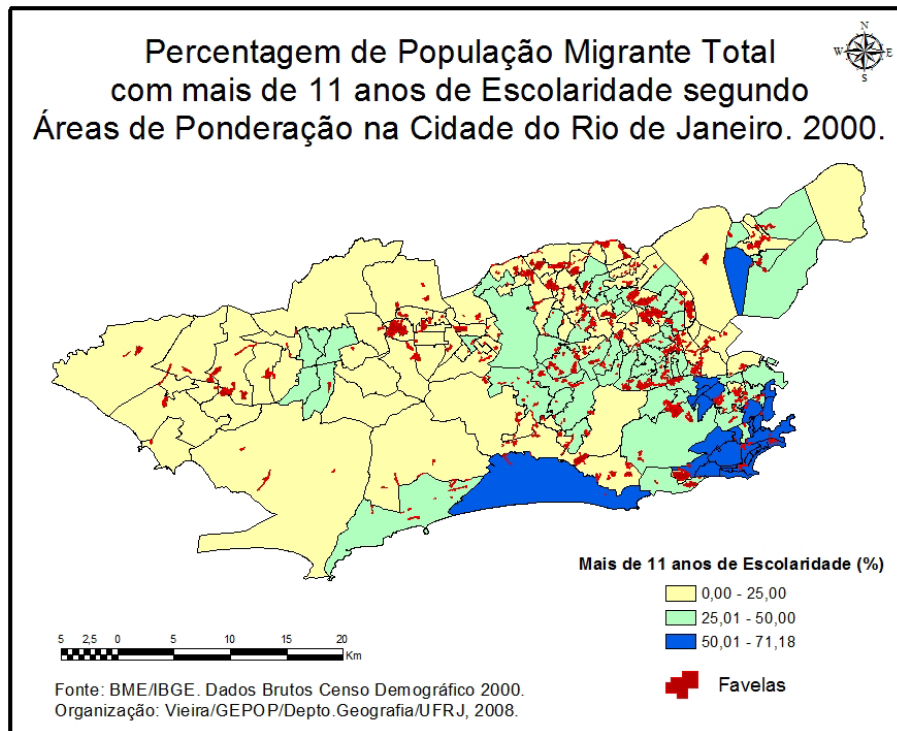
Com relação à Taxa de Analfabetismo da População Migrante Total (Mapa 5), pode-se perceber a grande ocorrência dessa variável em altas taxas, de até 20%, na maior parte da cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, ressalta-se que a Taxa de Analfabetismo da cidade como um todo é relativamente baixa (9%), se comparada a municípios periféricos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, como Tanguá (18%). No entanto, quando a escala é ampliada e essa mesma análise é feita ao nível de áreas de ponderação, é possível ressaltar melhor as desigualdades intra-metropolitanas existentes, destacando assim a importância dessa escala de análise para melhor refletir a realidade intra-urbana.

Mapa 6

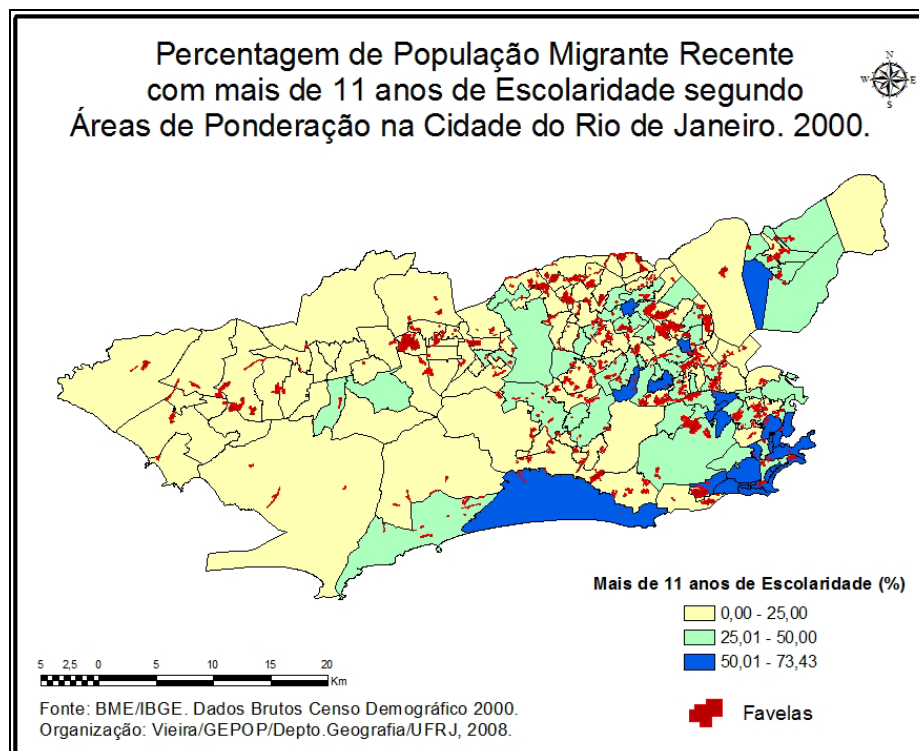


Já no Mapa 6, destaca-se a Taxa de Analfabetismo da População Não-Migrante, onde pode-se perceber que não há ocorrência do maior índice de analfabetismo (até 20%). Praticamente na totalidade da cidade do Rio de Janeiro a Taxa de Analfabetismo varia em torno de 2 a 6% (segunda classe no mapa). Assim, ressalta-se a condição de desvantagem da População Migrante em relação à População Não-Migrante, pois apresentou-se mais analfabeta, gerando grande dificuldade de inserção na dinâmica da cidade. Vale destacar a área da Barra da Tijuca, única que apresenta taxa de analfabetismo abaixo de 2% entre os Não-Migrantes.

Mapa 7



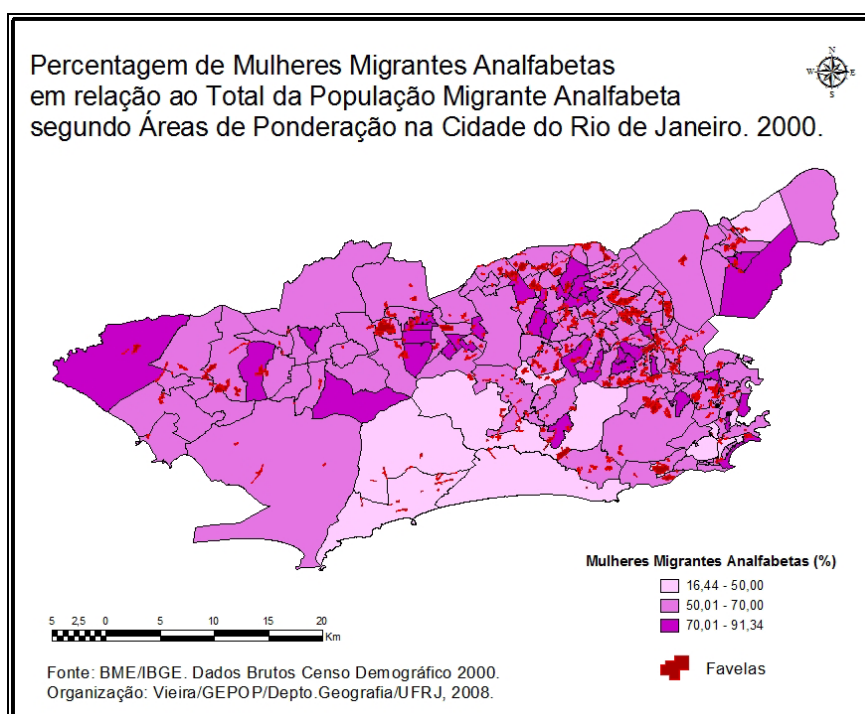
Mapa 8



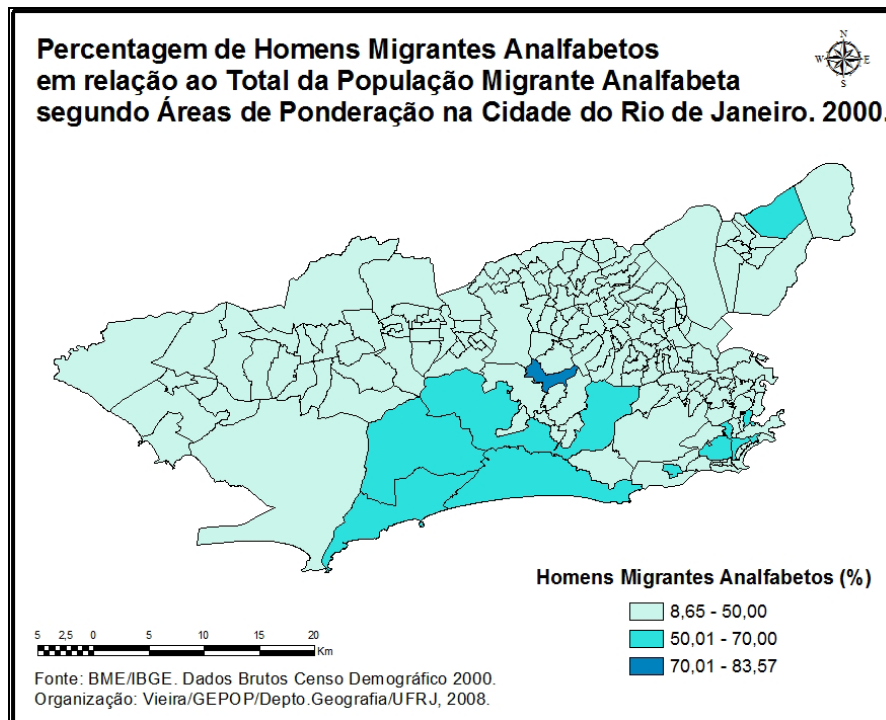
No Mapa 7, encontra-se a percentagem de População Migrante Total com alta escolaridade, neste trabalho, considerada com mais de 11 anos de estudo. Nesse caso, percebe-se um padrão de concentração nas áreas de ponderação correspondentes a bairros da Zona Sul, Centro e à Barra da Tijuca, com menor ocorrência na Zona Oeste da cidade. Com relação à População Migrante Recente (Mapa 8), vê-se que o padrão é basicamente o mesmo, corroborando a correlação existente entre as áreas com maior escolaridade e as áreas mais abastadas da cidade do Rio de Janeiro, sendo essas, na Zona Sul e proximidades.

É importante ressaltar ainda que, comparando com as demais variáveis já utilizadas, pode-se perceber a convergência nas mesmas áreas, de altas taxas de analfabetismo, altas taxas de desemprego e baixa escolaridade (Zona Oeste da cidade majoritariamente).

Mapa 9



Mapa 10



Com relação à variável gênero, o Mapa 9 apresenta as Mulheres Migrantes Analfabetas, destacando-as como um grupo vulnerável, uma vez que na quase totalidade das APs da cidade do Rio de Janeiro mais da metade dos Migrantes Analfabetos é mulher (2 classes mais escuras), excetuando-se apenas as áreas concentradas na Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Jacarepaguá, Vargem Grande, e outras. Observa-se assim, a condição de desvantagem da mulher, especialmente da mulher migrante, que ainda persiste na sociedade, apesar dos grandes avanços adquiridos no processo de igualdade entre homens e mulheres.

Apenas como forma de enriquecer a análise, foi elaborado o Mapa 10, que mostra os Migrantes Analfabetos Homens, ressaltando que pouquíssimas áreas apresentam mais homens do que mulheres analfabetas, com destaque para o bairro de Tanque (azul mais escuro), onde mais de 70% dos Migrantes Analfabetos são homens.

6. Considerações Finais

- Em relação à escala espacial de análise, o presente estudo ressaltou a importância das Áreas de Ponderação/APs como instância para melhor captar as desigualdades sócio-espaciais intra-metropolitanas.
- No que se refere aos diferenciais entre migrantes e nativos, constatou-se que a População Migrante encontrou-se em situação de desvantagem em relação à População Não-Migrante, apresentando piores condições de instrução, corroborando o pressuposto da escola neoclássica em migração.
- Considerou-se importante o estudo da variável tempo de residência da População Migrante no município de residência atual, na medida em que foi identificada a desvantagem da População Migrante Recente em relação à População Migrante Total, por apresentar um perfil menos qualificado, o que confirma novamente a continuidade do pressuposto da escola neoclássica em migrações.
- Quanto ao atributo Ocupação pôde-se perceber que a maior parte da População Migrante Total Economicamente Ativa (PEA) concentra-se nas APs inseridas em especial nos bairros da Zona Sul, Centro, além de Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Jacarepaguá e Vargem Grande. Já em relação à Taxa de Desemprego deste mesmo grupo, constatou-se que os maiores valores ocorrem nas APs correspondentes localizadas em sua maioria na Zona Oeste da cidade, ressaltando a condição de desigualdade presente na cidade do Rio de Janeiro.
- Quanto ao atributo Instrução, comparando-se a Taxa de Analfabetismo da População Migrante com a Não Migrante, constatou-se que aquele grupo apresentou valores mais elevados, mesmo considerando-se que a taxa de analfabetismo para a cidade do Rio de Janeiro como um todo é relativamente baixa (9%). Além disso, a taxa de analfabetismo mostrou-se mais elevada especialmente na Zona Oeste da cidade, enquanto os maiores níveis de escolaridade foram encontrados em áreas mais abastadas da cidade (como alguns bairros da Zona Sul e a Barra da Tijuca), corroborando as premissas de desigualdade intra-urbana.
- O presente estudo revelou a existência de alguns grupos vulneráveis dentro da metrópole do Rio de Janeiro, como o grupo “Mulher Migrante Analfabeta”, na medida em que na grande maioria da cidade do Rio de Janeiro, entre os Migrantes, a mulher é mais analfabeta que o homem, confirmando sua desvantagem; e o grupo “Jovens (População de 15 a 24 anos) Migrantes”, pois a taxa de desemprego deste foi maior do que a dos demais grupos estudados, sendo possível inferir a dificuldade de inserção do jovem (em especial do jovem migrante) no mercado de trabalho.
- Considera-se por fim relevante um maior aprofundamento dos estudos relativos a grupos vulneráveis, assim como a incorporação de novas variáveis referentes ao detalhamento dos grupos ocupacionais nos quais se insere a População Migrante.

7. Bibliografia

- ABREU, M. de A. 1987. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. IPLANRIO. Zahar.
- BECKER, O. M. S. 1997. "Mobilidade Espacial da População: Conceitos, Tipologias, Contextos". In: Iná Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes e Roberto Lobato Corrêa (orgs) *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil. p.319-367.
- BRITO, F., GARCIA, R. A. e CARVALHO, M. de. 2002. "Migrações de curto prazo nas Regiões Metropolitanas; migrantes de etapa única, migrantes de retorno e migrantes de passagem. 1986-1991". *Anais do XIII Encontro da ABEP*. Ouro Preto/MG. 4 a 8 nov/2002.
- CASTRO, M. G. 2002. "Violência, Juventudes e Educação: Notas sobre o Estado do Conhecimento". *Revista Brasileira de estudos de População*. Vol. 19, n. 1.
- CORRÊA, R. L. 1989. *O Espaço Urbano*. São Paulo. Editora Ática. Série Princípios.
- DAVIDOVICH, F. 2004. "A 'Volta da Metrópole' no Brasil: Referências para a Gestão Territorial". In: Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro (org) *Metrópoles: Entre a Coesão e a Fragmentação, a Cooperação e o Conflito*. São Paulo. Ed. Fundação Perseu Abramo. p. 197-229.
- DEDDECA, C. S. e CUNHA, J. M. P. 2002. "Migração, trabalho e renda nos anos 90: o caso da Região Metropolitana de São Paulo". *Anais do XIII Encontro da ABEP*. Ouro Preto/MG. 4-8/nov/2002.
- FARIA, M. C. de A. 2005. "Favelização e Mobilidade Residencial no Rio de Janeiro". In: Helion Póvoa Neto & Ademir Pacelli Ferreira (orgs). *Cruzando Fronteiras Disciplinares. Um panorama dos estudos migratórios*. NIEM-RJ. FAPERJ. Ed. Revan. p.395-410.
- JANNUZZI, P. de M. 2001. *Indicadores Sociais no Brasil: Conceitos, Fontes de Dados e Aplicações*. Campinas. Ed. Alínea.
- JARDIM, A. de P. 2007. *Pensando o Espaço e o Território na Metrópole do Rio de Janeiro: Refletindo Possibilidades Analíticas sobre Migrações Intrametropolitanas*. Rio de Janeiro. Cap. 7 (p. 139-190). Ed. J.C.
- NETO, E. L. G. R & RIANI, J. de L. R. (orgs). 2004. *Introdução à Demografia da Educação*. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP.
- OLIVEIRA, A. T. R. 2005. "Fluxos Migratórios na Região Metropolitana do Rio de Janeiro". In: Helion Póvoa Neto & Ademir Pacelli Ferreira (orgs). *Cruzando fronteiras disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios*. NIEM-RJ. FAPERJ. Ed. Revan. p.349-363.

POCHMANN, M. & AMORIM, R. (orgs). 2003. *Atlas da Exclusão Social no Brasil*. São Paulo. Ed. Cortez.

SMOLKA, M. O. 1990. “Mobilidade, imóveis e segregação residencial na cidade do Rio de Janeiro, ou como o Mercado expulsa os pobres e redistribui os ricos”. *Relatório de Pesquisa IPPUR/UFRJ*. Rio de Janeiro. Agosto/1990.

SOUZA, M. L. de 2000. *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil.

TORRES, H., FERREIRA, M. P. & GOMES, S. 2005. “Educação e Segregação Social: Explorando o Efeito das Relações de Vizinhaça”. In: Eduardo Marques & Haroldo Torres (orgs). *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. S.P. Senac.